

DIVULGAÇÃO

O ESCRAVELHO VERMELHO DA PALMEIRA *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier)

O inseto *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier), vulgarmente designado como “escaravelho da palmeira”, é um coleóptero da família dos curculionídeos, que ataca várias espécies de palmeiras, causando estragos importantes que podem conduzir à morte das plantas. Originário das zonas tropicais da Ásia e da Oceânia, expande-se na década de 1980-90, pelo Médio Oriente (Irão, Arábia Saudita), África (Egito), Europa (Espanha 1993), tendo posteriormente sido assinalada a sua presença em quase todos os países da bacia mediterrânica. Em Portugal este inseto foi detetado pela primeira vez em 2007, na região do Algarve, estando atualmente disperso por diversas regiões do país.

Na região Norte, aparece pela primeira vez em 2010, em exemplares de *Phoenix canariensis* em jardins de três freguesias do concelho de V.N de Gaia. Atualmente encontra-se dispersa pelos concelhos de Barcelos, Braga, Caminha, Esposende, Gondomar, Matosinhos, Ponte de Lima, Porto, Póvoa de Varzim, Santa Maria da Feira, Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira e Vila Nova de Gaia, tendo sido observados sintomas em palmeiras de jardins particulares e públicos, com impacto ao nível paisagístico, económico e social da região.

A elevada capacidade de dispersão da praga associada à sua nocividade, levou a União Europeia a considerá-la como um **organismo de quarentena** e de luta obrigatória, estabelecendo medidas de emergência contra a introdução e a propagação na Comunidade do *Rhynchophorus ferrugineus* e introduzindo a obrigatoriedade de um **Plano de ação** para o combate da praga.

O inseto desenvolve o seu ciclo de vida de 4 a 5 meses no interior da planta, podendo coexistir ao mesmo tempo os seus quatro estados: ovo, larva, pupa e adulto (Fig. 6). Após a emergência, os adultos acasalam, podendo permanecer na planta ou voar para outras. Estes podem voar a grandes distâncias (3 a 5 Km), seguindo os odores atrativos alimentares libertados pelas palmeiras e transportados pelo vento.



A distribuição generalizada de espécies hospedeiras pelo território nacional, associada à forma de atuação da praga, tem dificultado a implementação das medidas e facilitado a sua expansão.

HOSPEDEIROS

Este inseto tem como principais hospedeiros várias espécies de palmeiras da família das *Arecacea*, sendo espécies mais susceptíveis *Phoenix canariensis*, *Phoenix dactylifera* e *Washingtonia filifera*.

BIOECOLOGIA



SINTOMAS/SINAIS

Os sintomas visíveis na planta aparecem, geralmente, passados meses do início da infestação. Em alguns casos, quando se detem, a planta já se encontra num estado avançado de infestação.

O desenvolvimento do inseto no interior das palmeiras, o ponto onde se deu a primeira infestação (folhas ou ao longo do espique), associado às características da planta (grandes dimensões, forma, tipo de folha, etc...) e sua localização que dificulta o acesso aos pontos de observação de sinais da praga, dificultam a deteção precoce da praga.

Alguns destes **sintomas** podem ser:

- Coroa desguarnecida de folhas jovens no topo ou com aspeto achatado (Fig. 1 e 3).
- Folhas jovens pouco desenvolvidas, com folíolos comidos em forma de V ou truncados (Fig. 2).

- Orifícios e galerias na base das folhas podendo conter larvas ou casulos com pupas e/ou adultos. (Fig. 4 e 6)
- Presença de orifícios na zona das podas (Fig. 5).
- Presença de odor característico, que resulta da putrefação dos tecidos internos da planta.
- Presença de exsudado viscoso junto aos orifícios de saída das larvas.
- Ruído produzido pela atividade da praga.

Quando o único ponto de crescimento da planta (gomo terminal) é afetado, esta morre, e o gomo terminal pode destacar-se e cair por ação do vento;

ESTRATÉGIA DE CONTROLO

A estratégia de controlo passa pela integração de um conjunto de medidas e depende da intensidade do ataque da palmeira e da sua localização face a exemplares não infestados. No entanto, após a observação de sinais e/ou sintomas suspeitos, deve proceder-se a uma observação minuciosa para confirmar a presença da praga e tomar as medidas necessárias, tendo em vista a eliminação das plantas afetadas e proteger as sãs.

PROCEDIMENTOS A SEGUIR NO CONTROLO DO “ ESCARAVELHO VERMELHO DA PALMEIRA ” (<i>R. ferrugineus</i>)		
MEDIDAS INDIRECTAS		
Em novas plantações, seleção de espécies resistentes e sãs. No processo de aquisição de plantas aos produtores e/ou fornecedores, verificar a sua proveniência e a existência do respetivo <u>passaporte fitossanitário</u> , que garanta a isenção de organismos prejudiciais e/ou de quarentena. Evitar todo o tipo de feridas, uma vez que estas favorecem os ataques. Evitar podas excessivas e podar de preferência nos meses de menor atividade da praga (Novembro a Fevereiro). Não fazer novas plantações de espécies hospedeiras nas zonas afetadas.		
MEDIDAS DIRETAS		
PALMEIRAS SÃS OU SEM SINTOMAS	PALMEIRAS POUCO AFETADAS (em recuperação)	Palmeiras muito afetadas ou mortas (para abate)
Vigilância para deteção precoce do inseto ou de sinais e/ou sintomas suspeitos. Podar só as folhas secas, evitando podas excessivas, tipo “ananás” e todo o tipo de feridas, que favorecem os ataques do escaravelho. Os cortes devem ser lisos e não lascados.	Poda sanitária. Eliminação de todas as folhas que apresentem orifícios ou galerias das larvas. Limpeza de toda a parte afetada da palmeira, até ao tecido são, tendo o cuidado de não danificar o gomo apical (único gomo de crescimento da planta).	As palmeiras com infestação em fase avançada e sem recuperação possível devem ser abatidas , procedendo a: 1 - Tratamento prévio com produto fitofarmacêutico homologado, para evitar a dispersão dos insetos no momento do abate; este tratamento pode ser dispensado se o abate for nos meses de inverno. 2 - Proteção e isolamento da zona, estendendo um lona ou plástico no chão para recolha dos resíduos resultantes do abate; 3 - Corte das folhas e da coroa; 4 - Limpeza da zona e destruição dos resíduos e materiais resultantes do abate no local ou seu transporte em camião fechado ou coberto com lona ou rede que evite o risco de dispersão de insetos durante o trajeto para um local onde se procederá à sua rápida destruição por queima, trituração ou aterro a pelo menos 2 metros de profundidade.
Podar de novembro a fevereiro (período de menor atividade do inseto adulto);		
Destrução dos resíduos de poda por trituração, queima ou enterramento a mais de 2 m de fundo; caso seja necessário efetuar a poda de folhas verdes, a superfície do corte deve ser selada com um isolante apropriado. Efetuar tratamentos preventivos das palmeiras podadas e das sãs, com ou sem sintomas, na zona envolvente, utilizando os produtos fitofarmacêuticos homologados e nos períodos a seguir indicados.		
PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS ACONSELHADOS E ÉPOCAS DE APLICAÇÃO, NAS PALMEIRAS SEM SINTOMAS OU POUCO AFETADAS		
ÉPOCA DO ANO	PALMEIRA SEM SINTOMAS	PALMEIRA POUCO AFETADA (em recuperação)
Todo o ano (exceto julho e agosto)	Nemátodes entomopatogénicos *	
março a outubro	abamectina (VERTIMEC 018 EC), imidaclopride (CONFIDOR CLASSIC) tiametoxame (ACTARA)	
inverno	Poda sanitária	

* A utilização de nemátodes entomopatogénicos (*Steinernema carpocapsae+qutosano*) tem apresentado resultados interessantes no combate a esta praga.

Os trabalhos de poda, recuperação, tratamentos fitossanitários ou abate e destruição de palmeiras, devem ser realizados por empresas habilitadas para o efeito e que cumpram com os procedimentos descritos.

Para mais informações devem ser contactados os serviços oficiais competentes da DRAP-Norte ou da Direção Geral de Agricultura e Veterinária (DGAV).

Mais informação disponível em:

<http://drapn.mamaot.pt/drapn/fitossanidade>
e <http://www.dgv.min-agricultura.pt>

Textos de divulgação técnica da Estação de Avisos de Entre Douro e Minho nº 2/2016/ março (2ª edição, atualizada)

Ministério da Agricultura e do Mar/ DRAP-Norte/ Rua da República, 133 5370-347 MIRANDELA/

Direção de Serviços de Desenvolvimento Agroalimentar e Licenciamento/ Lugar de Codessais, 5000-421 Vila Real ☎ 259300600 fitossanidade@drapn.mamaot.pt
/Divisão de Apoio ao Setor Agroalimentar/Estação de Avisos de Entre Douro e Minho/ ✉ Quinta de S. Gens - Estrada Exterior da Circunvalação, 11846

4460 - 281 SENHORA DA HORA ☎ 229574010/ 229574016 ✉ avisos.edm@drapn.min-agricultura.pt ; mlmarques@drapn.mamaot.pt

Fontes: DGAV (outubro de 2014), Plano de Ação para o Controlo de *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier); Decisões da Comissão nº 2007/365/CE de 25 de maio e Decisão da Comissão nº 2010/467/EU de 17 de agosto.

Texto e fotos: Maria de Lurdes Marques. Mapa: Isabel Reis. Arranjo gráfico: C. Coutinho.